TÍTULO: SUBLIMINARIDADES ÉTNICAS EM "A COBRA GRANDE DO POÇO PRETO" DO LAGO DO CUNIÃ

Valdir Vegini[1]

Rebecca Louize Vegini[2]

Valdir Ferreira Lopes[3]

SUMÁRIO: I- INTRODUÇÃO, 1. CONTEXTUALIZAÇÃO E OBJETIVO DO TRABALHO, 2. APORTE TEÓRICO, 2.1. ESTADO AGRÁRIO E ESTADO INDUSTRIAL; II- METODOLOGIA; III- O CORPUS DE ANÁLISE; IV- ANÁLISE DA NARRATIVA, 1. GRUPO ÉTNICO E ETNICIDADE AMAZÔNICA, 2. AS TRANSFORMAÇÕES DAS LENDAS, 2.1 VERSÃO PADRÃO, 2.2 VERSÃO DO INFORMANTE, 2.3 DISSIMILARIDADES ENTRE AS DUAS VERSÕES, 2.4 MENSAGENS IMPLÍCITAS E EXPLÍCITAS; V- CONCLUSÕES; VI- REFERÊNCIAS

I- INTRODUÇÃO

1. CONTEXTUALIZAÇÃO E OBJETIVO DO TRABALHO

Em maio de 2009, em trabalho de campo na "Reserva Extrativista do Lago do Cuniã" (RESEX), interior do município de Porto Velho, os autores deste artigo gravaram extensas conversas espontâneas com diversos moradores[4] daquela localidade para: a) em primeiro lugar, coletar relatos de cunho lendário ou mítico remanescentes e circunscritos àquela população, que ainda se utiliza da oralidade para a manutenção e transmissão de suas características culturais a par do contexto letrado; b) em segundo lugar, para verificar se narrativas desse gênero ali remanescentes são utilizadas como veículo de manutenção e de divulgação da identidade étnica de seus indivíduos portadores de maneira a possibilitar o estabelecimento da identidade de grupo nas diferentes situações de mudança política e social a que se submetem.

2. APORTE TEÓRICO

Para verificar essa hipótese de trabalho, foram consultadas, direta ou indiretamente, obras dos seguintes autores: Fredrik Barth, Bronislaw Malinowski e Ernest Gellner (antropólogos); Eric Hobsbawm e Terence Ranger (historiadores); Max Weber (sociólogo); Phillipe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (etnólogos) e Maressa Vieira e Ferreira Netto (linguistas). Desse levantamento resultou uma síntese, que será apresentada a seguir.

[1] Doutor em Letras/Linguística pela UFSC; Professor do DLV/UNIR/PVH/RO.
[2] Licenciada em Letras pela UNIVILLE; Professora de Língua Portuguesa do *MapleBear Canadian School*, PVH/RO.
[3] Funcionário do IBAMA (Técnico Ambiental) e morador da Reserva Extrativista do Lago do Cuniã.
[4] "Descendentes de migrantes nordestinos que vieram para Rondônia trabalhar nos seringais e de índios que habitavam a região, sobretudo os da etnia Mura." (NAPRA – Núcleo de Apoio à População Ribeirinha do Amazonas. Disponível em: <http://www.napra.org.br/?page_id=148>. Acesso em: 2 ago. 2010).

Revista de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros, Ano 2, Ed. Nº 05 (Jan. /Mar. de 2011)
ISSN 2178-2008

2.1. ESTADO AGRÁRIO E ESTADO INDUSTRIAL

Segundo Barth (1998), o reconhecimento de um grupo étnico dá-se pela aceitação da legitimidade de fatores socialmente relevantes estabelecidos pelos próprios membros desse grupo, a partir não só de sinais ou signos culturais objetivos que as pessoas exibem para demonstrar sua identidade, mas, principalmente, pelos padrões de moralidade e de excelência pelas quais as ações são julgadas. Esse autor propôs que membros de um grupo queiram ser tratados, interpretados e julgados a partir dos padrões de moralidade e de excelência a que pretendem sujeitar-se. Desse ponto de vista, a transmissão dessas características culturais, materiais ou imateriais, exige um meio próprio e adequado. As narrativas, em sua grande variedade de gêneros, entre os quais se sobressaem as lendas e mitos, parecem cumprir esse papel. Nas palavras de Malinowski (1988, p. 150), "[...] o mito serve principalmente para determinar um estatuto sociológico ou um padrão de comportamento moral retrospectivo, ou o supremo milagre primitivo da magia." A respeito disso, Ferreira Netto (2008) faz uma detalhada discussão.

Em seu livro "Mito, ciência e religião", observando que as sociedades se transformam continuamente, Malinowski (1988, p. 152) apresenta o mecanismo social de adaptação das narrativas às mudanças sociais: "[...] o mito é um ingrediente indispensável a toda a cultura. É [...] constantemente recriado; cada mudança histórica gera a sua mitologia, que, no entanto, apenas se relaciona indirectamente com o facto histórico [...]". Essas transformações não se restringem às mudanças individuais de comportamento, mas atingem toda uma sociedade, de tal forma que a sua reorganização é inevitável. Dentre elas, a transformação de uma sociedade sem estado para uma sociedade com estado é a mais evidente, afirma esse autor. Gellner (1993), assume a proposição de Max Weber ([1904/1905] 1966), a de que o Estado é aquela instituição ou conjunto de instituições especialmente consagradas à manutenção da ordem (quaisquer que sejam as suas outras funções) e de que ele existe onde existam instituições especializadas na manutenção da ordem, como as forças policiais e os tribunais, separadas do resto da vida social. Pressupõe, assim, a força de coerção de diversos grupos para subordinarem-se a um poder centralizador bem definido. A formação do estado conjuga-se, pois, com o estabelecimento de grupos dominantes poderosos que submetem outros grupos ou seus próprios pares. A submissão por sua vez não necessita decorrer do exercício da violência, mas tão somente da capacidade de demonstrá-la como latência desequilibradora nas relações intersocietais.

Esses estados são considerados por Gellner (1993) a partir de um complexo conjunto de características que os distinguem em dois tipos básicos: os estados agrários e os estados industriais.

Os estados agrários definem-se, sobretudo, pela manutenção das diferenças étnicas que compõem os grupos sob domínio das instituições estatais. São fortemente estratificados e estabelecem funções características para os grupos etnicamente considerados segundo critérios fortuitos ou tradicionalmente definidos. No que diz respeito à linguagem, é a partir do grupo que comanda as instituições do poder que se estabelecem todos os modelos de prestígio e a sua necessidade de divulgação e preservação.

Os estados industriais definem-se pela consideração geral de que todos os seus membros caracterizam-se apenas como mão-de-obra, efetivos ou potenciais, tendo de ter o conhecimento mínimo necessário para atuar apenas como força de trabalho de acordo com as necessidades do momento. Assim, o estado industrial desconsidera diferenças étnicas e impõe as suas necessidades a toda a população. No que diz respeito à linguagem, considera-

se tão somente a necessidade de veiculação rápida e eficaz de todo tipo de informação à população. Nesse caso, é de fundamental importância a homogeneização da linguagem bem como a sua ampla divulgação. Os grupos étnicos diferentes, que coexistem no estado industrial, têm de assumir a homogeneização como fator primordial para a sua sobrevivência como conjunto de indivíduos, ainda que isso implique o seu desaparecimento como grupo étnico diferenciado dos demais.

Ainda segundo Gellner (1993), é nos estados industriais que a escola assume o seu papel mais transformador, na medida em que tem de tornar todos os cidadãos aptos para exercerem seu papel, a despeito das características tradicionais de seus grupos. Dessa maneira, a Escola apresenta-se como o único meio, ou pelo menos o mais privilegiado, de inserção do indivíduo no mercado de trabalho. A rejeição à Escola acarreta a marginalização e a impossibilidade de obter o sustento pelas vias da legalidade mantida pelo estado.

Nesse caso, ainda seria possível acrescentar os meios de comunicação como o meio alternativo transformador do indivíduo, para torná-lo apto a assumir as suas funções no mercado de trabalho.

A distinção entre o estado agrário e o estado industrial, entretanto, não se mostra como um limite bem definido, mas permite conceber que ambos estão imbricados, entrevendo-se neste último, formas que caracterizam o primeiro e vice-versa. Assim, ainda que o estado brasileiro caracterize-se como Industrial, encontram-se com facilidade grupos étnicos diferenciados que margeiam as instituições estatais e ainda assim tem a sua sobrevivência garantida pelo autossustento. Gellner (1993, p. 21) parafraseia Hengel e diz que, no estado Industrial, "inicialmente ninguém sabia ler, depois alguns sabiam ler e, finalmente, todos sabem ler"; para muitos países, no entanto, é possível inserir uma situação intermediária em que "muitos sabem ler".

A formação do estado, por sua vez, apesar de se mostrar como uma unidade administrativa, não caracteriza por si só uma unidade cultural, deixando abertas as possibilidades de levantes de grupos diferenciados contra o domínio de outros grupos que os estejam submetendo pela centralização das instituições estatais. Contra essa cizânia, que muito bem pode desencadear tanto a alternância no poder quanto uma revolta separatista, desenvolve-se o conceito de estado nacional, ou estado-nação, ou apenas nação, e a sua consequente contrapartida emocional definida como *nacionalismo*.

Gellner (1993, p. 22) entende que "as nações não estão inscritas na natureza das coisas, não constituem uma versão política da doutrina dos seres naturais". Nem tão-pouco os estados nacionais representam o destino último dos grupos culturais e étnicos. O que existe realmente são culturas, muitas vezes agrupadas sutilmente, fazendo sombra umas às outras, sobrepondo-se e entrelaçando-se. Geralmente, mas nem sempre, existem também unidades políticas de todas as formas e dimensões. De um modo geral, no passado, elas não coincidiram e, em muitos casos, houve boas razões para assim acontecer. Os governantes instituíam as respectivas identidades, diferenciando-as verticalmente, e as micro-comunidades governadas diferenciavam-se horizontalmente das vizinhas agrupadas em unidades semelhantes.

O nacionalismo, porém, não representa o despertar e a afirmação dessas unidades míticas, supostamente determinadas e naturais. Pelo contrário, afirma Gellner (1989, p. 79, "esse movimento ideológico representa a cristalização das novas unidades adequadas às condições, que agora prevalecem, embora utilizando como matéria-prima reconhecidamente as heranças culturais, históricas e outras no mundo pré-nacionalista."

Revista de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros, Ano 2, Ed. Nº 05 (Jan. /Mar. de 2011)
ISSN 2178-2008
revistajf@institutoprocessus.com.br

Dizendo isso, Gellner parece subverter a ordem estabelecida desde Anderson (1989), de que haveria um nacionalismo potencial, latente, que deveria estar subjacente à formação dos estados nacionais. Segundo ele, o nacionalismo advém da formação desses estados como uma forma de consolidação de sua unidade cultural. Se a frase de "Nós fizemos a Itália, agora temos que fazer os italianos" (MASSIMO D'AZEGLIO, apud HOBSBAWN, 1990, p. 56) for retomada, a relação entre nacionalismo, cultura e estado pode ser estabelecida com maior facilidade, isto é, o nacionalismo forjado pelo estado cria o vínculo identitário cultural entre os indivíduos que foram formal e forçosamente agrupados nessa unidade política. Trata-se, pois, da criação de formas culturais que definem indivíduos como pertencentes a este ou àquele grupo étnico. A se tomar a hipótese de Geertz (1989), de que o desenvolvimento biológico humano deu-se de forma integrada a seu desenvolvimento cultural, estabelecendo assim, uma irremediável interdependência entre biologia e cultura humanas, será possível entender que é a possibilidade de criação cultural pelas diversas formas de agrupamentos humanos — dentre elas, a formação de um estado — que gera as formas nacionalistas de comportamento e, consequentemente, o assim definido "estado nacional".

Ainda que assim o pareça, a criação cultural não vai de encontro com a afirmação citada acima (GELLNER, 1993, p. 22) de que apenas as culturas é que existem, pois as culturas poderão ser interpretadas, novamente apelando a Geertz (1989), apenas como um conjunto das formas comportamentais prototípicas básicas e reguladoras, independentemente de sua fonte geradora. Nesse caso, é possível tomar tanto as sociedades tradicionais, cujas origens e formas comportamentais prototípicas básicas e reguladoras perdem-se nas suas próprias lembranças, quanto as sociedades criadas recentemente pelos mais diferentes processos, cujas origens e formas comportamentais prototípicas básicas e reguladoras têm origem recente, como agrupamentos humanos, portadores de conjuntos culturais coesos e potencialmente formadores do nacionalismo estatal. Em qualquer desses casos, suas possibilidades são as mesmas, apesar da diferença desconfortável que decorre do fato de uma ter sido criada espontaneamente e a outra por decretos constitucionais.

Dessa maneira, a formação de "estados" não é suficiente por si só para a formação de "estados nacionais", havendo, pois, a necessidade de se definir um conjunto de procedimentos estatais que estabeleçam a formação da nacionalidade nos estados. Seguindo Gellner, havendo coincidência entre estado e cultura, o estado nacional será uma decorrência espontânea; entretanto, à ausência de tal coincidência deve necessariamente seguir-se a tentativa de criação do nacionalismo, sob o risco de sua ausência de legitimidade gerar sua própria fragmentação ou a incorporação a outros estados.

As tentativas de criação do nacionalismo decorrem de um jogo simbólico que se vale das mais variadas peças disponíveis no conjunto do comportamento humano. Barth (apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998) toma os traços diacríticos e as orientações de valores fundamentais como elementos que, embora não formem diferenças étnicas, permitem-se utilizar no processo de marcação étnica diferencial nas relações intergrupais de fronteira. Na medida em que tais traços diacríticos e tais orientações de valores fundamentais são elementos identificadores e diferenciadores de culturas, também podem ser tomados e até criados (HOBSBAWN; RANGER, 1984) como mecanismos geradores de cultura e, portanto, de nacionalismo.

O nacionalismo, tal como proposto por Gellner (1993), é característico do estado Industrial, ainda que não uma exclusividade. O estado agrário, dadas as suas características estratificadoras, tem de reconhecer as diferenças culturais como fatos significativos, o que não lhe permite criar um conjunto de comportamentos e crenças comuns a todos os indivíduos que estejam submetidos a um mesmo poder coercitivo central. A perda das diferenças implicaria a perda da estratificação que consolida a diferença do grupo privilegiado. Nesse caso, a visibilidade da diferença não só existe como deve ser mantida sob a pena do esfacelamento da ordem proposta para a divisão das funções do trabalho. Se as há, as práticas nacionalistas manifestam-se especialmente no grupo que garante a centralização do poder e a divisão tradicional das funções dos outros grupos. Assim, para Gellner (1993), o nacionalismo, decorre do estado industrial que, como já dito, não reconhece diferenças étnicas, mas promove a unidade cultural do conjunto sob a égide dos mesmos traços diacríticos e das mesmas orientações de valores fundamentais impostas para todos os indivíduos. Dessa maneira, diferentemente do estado agrário, que atua sobre grupos, o estado industrial atua sobre indivíduos, tratando todos de forma especialmente idêntica.

A existência, pois, dos grupos étnicos em estados industriais está particularmente ameaçada pelas práticas nacionalistas unificadoras. Saliente-se que, nesse caso, os meios de comunicação e a escola, principalmente, estabelecerão o princípio da igualdade quer seja pela linguagem que veiculam, quer seja pela imposição dos modelos de comportamento e de julgamento que apresentam. Reis (1998), por exemplo, verificou que em São João de Pirabas/PA, a televisão implicou a mudança não apenas na variação dos diacríticos culturais, como a vestimenta, a marcação dos horários e as formas de contato entre vizinhos, mas também entre comportamentos mais ou menos reservados, e a avaliação das atividades entre boas e más. Sendo que neste último caso, as atividades cobiçadas implicavam justamente o abandono dos hábitos tradicionais e o deslocamento para grandes centros urbanos.

Em que pese a presença de grupos indígenas no Brasil, fortemente identificados por sua cultura e por suas diferenças com as comunidades regionais, nas regiões em que a industrialização se operou de modo mais radical, é muito pouco o que se pode verificar de sua presença remanescente na forma de enclaves marcados e reconhecidos pela população de seu entorno.

As características culturais que marcam as diferenças e que podem atuar como diacríticos identificadores além e aquém das fronteiras têm materialidades várias, dentre as quais, as que interessam mais especialmente para este projeto, são as linguísticas e o uso que se faz delas. Vieira e Ferreira Netto (2008), por exemplo, verificaram que as narrativas de saci na região sudeste brasileira caracteriza os três momentos culturais distintos: o local, o nacional e o globalizado. No âmbito local, em que as narrativas de saci são predominantemente orais, a personagem caracteriza-se como elemento diabólico de caráter religioso e sem forma fixa, no âmbito nacional, a personagem caracteriza-se com forma definitiva, converte-se num *trickster,* um espertalhão, e perde os traços diabólicos; finalmente, no âmbito da globalização, a personagem torna-se uma figura brincalhona que protege as florestas e a natureza. Dessa maneira, é possível verificar-se que as narrativas são adaptadas tanto às necessidades de um contexto local/oral, nacional/escrito, que reproduz as noções propostas por Gellner (1993), referentes, de um lado, ao que ele refere como

"culturas" e, de outro, ao que ele refere como "estados", ressaltando-se que a fixação formal é um procedimento próprio do estado.

II- METODOLOGIA

a) Seleção do objeto de análise - Dentre os diversos relatos coletadas, foi selecionada uma narrativa que trata da "cobra grande" do lago do Cuniã, um réptil lendário detentor de um poder subliminar sobre os ribeirinhos que habitam aquela região.

b) O informante - Nascido e residente na reserva há 55 anos, tem o Ensino Fundamental completo, é funcionário do IBAMA[5] e, etnicamente, se classifica como luso-indígena.

c) A organização do *corpus* - A narrativa do informante será integralmente transcrita abaixo, precedida da lenda postada no site da OVERNUNDO[6], considerada, para efeitos deste artigo, como padrão.

d) O objetivo - Demonstrar que a narrativa tem as características apontadas na introdução deste artigo e que, portanto, é utilizada como veículo de manutenção e de divulgação da identidade étnica de seus indivíduos portadores de maneira a possibilitar o estabelecimento da identidade de grupo nas diferentes situações de mudança política e social a que se submete.

[5] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.
[6] OVERMUNDO: Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/festejo-de-sao-sebastiao>. Acesso em 12 jul. 2010.

III- O CORPUS DE ANÁLISE

Versão padrão
Cuniã em língua indígena significa "moça jovem". Segundo a lenda, após diversos conflitos entre os índios e os brancos, os primeiros foram obrigados a fugir em canoas para não serem dizimados. Entretanto, uma jovem e bela índia foi capturada e mantida viva em função da sua beleza. Cuniã, porém, ficou muito triste. Numa noite enluarada, enfeitiçou a todos e, enquanto dormiam, mergulhou nas águas do lago e nunca mais foi vista. Acredita-se que Cuniã se transformou numa cobra-grande, e está adormecida no poço mais fundo do lago (poço preto). Ela só acordará para defendê-lo. Se um dia resolver ir embora, o lago secará e exterminará todas as fontes de riqueza. OVERMUNDO - Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/festejo-de-sao-sebastiao>. Acesso em 12 jul. 2010.
Versão do informante
A índia Cuniã, rapaiz, eu nãum sei bem direitu essa história, nãum mi... rsrsr. Falam qui tem uma cobra grandi aqui nu Cuniã, qui é a dona du Cuniã. Botárum u nómi di Cuniã purque ela é..., u nomi dela é Cuniã. Entãum, tudu o qui u Cuniã aqui projeta nada dá certu. Só qui aí essi Cuniã vem di muitus anus e us projetu qui a genti faiz nãum dá im nada. É ela quem manda. A genti nasceu aqui, a genti si criô aqui, a genti convivi aqui muitus anus. Aí tem tempu qui a genti vai tãum bem, mais daí us negóciu dãum pra trais, né! Conheci meu pai trabalhanu cum patrãum, genti qui mexia cum trabalhu di solva (*sic*), castanha, borracha, papaíba, pirarucu, um pexi qui existi aqui, muitus otru tipu di pexi, jacaré, qui nãum era proibidu. Aí a genti vai fazenu, vai vivenu uma produçãum boa, ne! Aí tem tempu, prontu, aqueli negóciu volta pra tráis di novu, né! A genti fica perdidu di novu. Entãum existi issu, é um lugar intricadu, sábi, questionadu assim, pelu qui a genti..., pelas lei. Todu u tempu existiu aquela lei im cima daqui dentru, né, du começu du mundu, né, qui eu conheci, né! A genti vivia aqui dentru pescanu, mas sempri tinha moradô qui tavam im riba da lei, né! Im riba du otru. Aí... passô uns tempu e marenô, parô. Mais sempri, nunca deixô di nãum te, né! Sempri aquela briga todu tempu, até hoji. Diz qui existi uma cobra lá naquela ponta, lá im cima, nu poçu pretu, exatamenti. Intãum, comu meu avô, falicidu meu avô, possô tempu, mais eu ainda alcancei eli ainda vivu, ainda vi eli, tem uns deiz anus hoji, eli dizia pra essa minha mãe: - "Hoji saí pru riu, pra pescá, - eli dizia -, hoji a cobra comeu us pirarucu, nãum tem, eu vim mimbora". I nu otru dia, tava fervilhanu di pirarucu nu lagu. A cobra tinha escondidu, aí ela soltava us pirarucu, tantu qui diz qui tem um mistériu aqui dentru desse Cuniã. Você faiz projetu i projetu i vira i mexi e nu fim nãum dá certu. É ela qui é dona. Falam qui era uma índia, né! Intãum botarum índia Cuniã, comu é, lagu du Cuniã. Essa índia si incantô, si transformô numa cobra. Intãum vi di primeru, vi u pessoau falá qui viu ela, né! Viu u remoço dela, né! Nunca qui eu vi nãum, mais tinha genti qui viu. Via u... é, mexia a água, via um vultu, alta horas da noiti, boiava dentru d'água, botô genti ainda pra ... pra sair em terra, pra corrê. E lá é um pedaçu, na época di seca, qui fica u lagu baxu, di um metru, mais di um metru i meiu lá nãum topa! É uma fundura... solta uma linha cum pesu vai, vai, vai, vai até i nãum alcança, u chãum. Eu sô, eu sô moradô muitus anus aqui, eu nãum andu assim, altas horas da noiti. Já andei muitas camba purque eu, tem época, agora, hoji, aqui existi a lei, uma lei, tem u IBAMA, eli é qui é u donu daqui, né! É uma reserva, intãum hoji existi uma lei, entãum nóis cumpri aquela lei, comu da pesca, nóis temu tempu qui pesca, otru nãum. Pesca um pexi otru nãum, né, pra protegê, pra... aí... purque vai acabá. Ah, us moradô vai acabá... Hoji nóis tem uma destruiçãum muitu grandi aqui dentru di pexi, é, mais é uma mina monstra, purque eu achu qui ela vai acabá, vai acabá purque nóis tem jacaré, nóis tem u biguá, qui é um pássaru, e tem, nãum tem, um qui conti eli... e tem u passarau, hoji. Tem us outru tipu di animal, e tem, fora u botu, a lontra e u homi! I fora us outru animauzinhu piquenu comu u socó, a garça, u manguari, u carará, a ariramba, tudu, a gaivota, tudu comi pexi. Issu ninguém si meti na conta. Essi é u... i aí vem u biguá, qui essi nãum tem ... quantia, essi nãum tem quem conti. Só nu cumputadô tauveiz chegui lá nu passarau...e pra controlá eli... dá milhõis i milhõis di animau. Aí dá u qui, uma faxa entri, cauculadamenti vinti tonelada pur aumoçu e vinti na janta, quantas tonelada di pexi nãum sai duranti um dia. Tem vinti anu, peraí, im sessenta i oitu foi a última mataçãum di jacaré dentru du Cuniã, sessenta i oitu, foi, foi a proibição. Nãum, até agora nãum tem ainda liberação. Ah, é! Tem aqueli projetu ainda du jacaré. Mais issu aí vai sê im controlu, im maneju, né, pra matá us jacaré. É, aí vai te, é pra equilíbriu. Issu aí vai te im quantia. Eu nãum sei nem falá im quantu a genti vai matá, pur etapa, se é pur maneju, é assim, bõum. Oia, nessas água aí, eu cansei di sair cum meus colega, da minha idadi, nóis si ajuntava domingu, nóis ia pulá lá du olhu daqueli pau n´água. Aquilu era um... ficava até nóvi hora, deiz hora. Hoji ninguém pódi mais fazê issu.

Revista de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros, Ano 2, Ed. Nº 05 (Jan. /Mar. de 2011)
ISSN 2178-2008
revistajf@institutoprocessus.com.br

IV- ANÁLISE DA NARRATIVA

1. GRUPO ÉTNICO E ETNICIDADE AMAZÔNICA

Os estudos de Barth (1998) mostram que "o reconhecimento de um grupo étnico dá-se pela aceitação da legitimidade de fatores socialmente relevantes estabelecidos pelos próprios membros desse grupo, a partir não só de sinais ou signos culturais objetivos que as pessoas exibem para demonstrar sua identidade, mas, principalmente, pelos padrões de moralidade e de excelência pelas quais as ações são julgadas." A partir desses estudos, é possível considerar a comunidade dos moradores da RESEX como um grupo etnicamente diferenciado. Concorrem para isso alguns fatores entre os quais: a) conforme consta no site do Núcleo de Apoio à População Ribeirinha do Amazonas (NABRA)[7], esse grupo de pessoas lá residem desde épocas imemoriais, no caso dos indígenas, sobretudo da etnia Mura, e ao ciclo da borracha, no caso dos migrantes nordestinos; b) além disso, as histórias lendárias e/ou míticas que narram são típicas dos povos amazônidas, notadamente daqueles que ocupam áreas ribeirinhas de rios e lagos; c) as características discursivas nas conversas espontâneas mantidas com vários de seus integrantes apresentam, a par de rica variabilidade, um imaginário comum e mensagem subliminar coesa e coerente.

Em resumo, a tônica dominante contida em todos os depoimentos é a paixão desmedida pela terra que habitam e a preocupação acentuada pelo futuro da reserva. Esse sentimento tem motivações históricas, sobressaindo entre elas as enormes dificuldades que esse grupo étnico teve para ver oficializado em definitivo[8] a posse da área do lago do Cuniã conforme consta no site do NAPRA[9]:

Apesar de ocuparem a região há tanto tempo, nos anos 1980 a permanência de seus moradores na localidade foi ameaçada quando foi decretada a criação de uma Estação Ecológica, uma unidade de proteção integral e que não poderia ser habitada, em toda a abrangência do lago. Somente após um prolongado período de lutas por seus direitos de permanecer no local é que a população local fez com que parte da Estação Ecológica fosse convertida em Reserva Extrativista, unidade de conservação de uso sustentável e que permite a existência de moradores. Até por conta desse histórico de lutas, os moradores de Cuniã estão entre os mais bem organizados do Baixo Madeira, possuindo uma associação forte e representativa dos moradores a ASMOCUN (Associação de Moradores do Cuniã).

Todos esses ingredientes permitem também, a princípio, caracterizar o agrupamento humano, que habita as cercanias do lago do Cuniã, como pertencente, segundo Gellner (1993), a um estado agrário. Todavia, considerando a presença da escolarização formal, dos meios de comunicação (rádio, TV, jornais etc.) e do IBAMA[10], a transformação para um estado industrial, que, segundo a mesma fonte desconsidera as diferenças étnicas, é cada vez mais notória. Contudo, como a distinção entre esses dois estados não se mostra com um limite bem definido em muitas regiões do Brasil, é possível constatar que também entre os moradores da RESEX os dois tipos de estado ainda estão imbricados.

[7] NAPRA - Disponível em: http://www.napra.org.br/?page_id=148. Acesso em: 12 jul. 2010.
[8] BRASIL - DECRETO Nº 3.238, DE 10 DE NOVEMBRO DE 1999. Disponível em: <www.ibama.gov.br/resex/cunia/cunia.htm>. *Acesso em: 29 jul. 2010.*
[9] NAPRA - Disponível em: http://www.napra.org.br/?page_id=148. Acesso em: 12 jul. 2010.
[10] [...] agora, hoje, aqui existe a lei, uma lei, tem o IBAMA, ele é que é o dono daqui, né! É uma reserva, então hoje existe uma lei, [...]. (Versão do Informante, linhas 27 e 28).

2. AS TRANSFORMAÇÕES DAS LENDAS

2.1. VERSÃO PADRÃO

A lenda tradicional fala de uma "moça jovem" muito linda e de origem indígena, que, "após diversos conflitos entre os índios e os brancos", foi capturada enquanto seus parentes fugiam "em canoas para não serem dizimados." (Versão padrão, linhas 1 e, 2). Deprimida pela perda dos seus entes queridos e pela solidão a que foi submetida, a bela indígena "se transformou numa cobra-grande, e está adormecida no poço mais fundo do lago (poço preto)" (Versão padrão, linhas 5 e 6) e lá permanece submersa e adormecida com a missão de protegê-lo ou destruí-lo, se necessário for.

2.2 VERSÃO DO INFORMANTE

Nesta versão, o substrato da lenda original é mantido, ou seja, uma "moça jovem" se transforma em "cobra grande" e habita as profundezas do "poço preto" do lago do Cuniã.

Falam qui tem uma cobra grandi aqui nu Cuniã, qui é a dona du Cuniã. Botarum u nomi di Cuniã purque ela é..., u nomi dela é Cuniã. (Versão do Informante, linhas 01 a 03).

Diz qui existi uma cobra lá naquela ponta, lá im cima, nu poçu pretu, exatamenti. (Versão do Informante, linhas 14 e 15).

Então botaram índia Cuniã, como é, lago do Cuniã. Essa índia si encantô, si transformô numa cobra. (Versão do Informante, linhas 20 a 21)

2.3 DISSIMILARIDADES ENTRE AS DUAS VERSÕES

Segundo o informante (e outros entrevistados), diferente do que refere a versão padrão, a "cobra grande" não está propriamente adormecida, mas atenta ao que acontece nas profundezas e na superfície do lago. Isso porque, conforme reflexões de Malinowki (1988, p. 152), "o mito é um ingrediente indispensável a toda cultura" e é constantemente recriado para se adaptar às mudanças históricas da sociedade, que apenas indiretamente a reflete. A alteração de comportamento da "cobra grande" do lago do Cuniã é fruto, a partir das reflexões feitas por Malinowki e detalhada discussão produzida por Ferreira Neto (2008), de um mecanismo social de adaptação das narrativas às mudanças sociais. É o que mostram alguns fragmentos da versão do informante:

Entãum, comu meu avô, falecidu meu avô, pocu tempu, mais eu ainda alcancei eli ainda vivu, ainda vi eli, tem uns deiz anus hoji, eli dizia pra essa minha mãe: - "Hoji saí pru riu, pra pescá, - eli dizia -, hoji a cobra comeu us pirarucu, nãum tem, eu vim mimbora". I nu otru dia, tava fervilhanu di pirarucu nu lagu. A cobra tinha escondidu, aí ela soutava us pirarucu, tantu qui diz qui tem um mistériu aqui dentru dessi Cuniã. (Versão do Informante, linhas 15 a 19)

Entãum vi di primeru, vi u pessoau falá qui viu ela, né! Viu u remoçu dela, né! Nunca qui eu vi nãum, mais tinha genti qui viu. Via u... é, mexia a água, via um vultu, altas hora da noiti, boiava dentru d´água, botô genti ainda pra... pra sair im terra, pra corrê. I lá é um pedaçu, na época di seca, qui fica u lagu baxu, di um metru, mais di um metru i meiu lá nãum topa! É uma fundura... souta uma linha cum pesu vai, vai, vai, vai até i nãum alcança u chãum. Eu sô moradô muitus anu aqui, eu nãum andu assim, altas hora da noiti. (Versão do Informante, linhas 20 a 26)

2.4 MENSAGENS IMPLÍCITAS E EXPLÍCITAS

Como soi acontecer, narrativas que detém as mesmas características presentes no *corpus* deste trabalho servem, quase sempre, como suporte para a transmissão de outras

informações que não são exatamente relativas àquelas histórias que estão sendo contadas. A lenda da "cobra grande" do lago do Cuniã, como tantas outras, se presta à veiculação da descrição local, dos mandantes locais, das descrições comportamentais locais, de questões e aflições vividas pela comunidade ribeirinha. Eis algumas delas:

Intãum, tudu u qui u Cuniã aqui projeta nada dá certu. Só qui aí essi Cuniã vem di muitus anus e us projetu qui a genti faiz nãum dá im nada. É ela quem manda. (Versão do Informante, linhas 01 a 03). [...]

Aí tem tempu que a genti vai tão bem, mas daí us negócio dão pra trás, né! (Versão do Informante, linhas 5 e 6)

Aí a genti vai fazeno, vai viveno uma produção boa, ne! Aí tem tempo, pronto, aquele negócio volta pra trás di novo, né! A genti fica perdido di novo. Então existe isso, é um lugar intricado, sabe, questionado assim, pelo qui a genti..., pelas lei. Todo o tempo existiu aquela lei em cima daqui dentro, né, do começo do mundo, né, qui eu conheci, né! A genti vivia aqui dentro pescano, mas sempre tinha moradô qui tavam em riba da lei, né! Em riba do outro. Aí... passô uns tempu e marenô, parô. Mas sempre, nunca deixô di não te, né! Sempre aquela briga todo tempo, até hoje. (Versão do Informante, linhas 8 a 14)

[...] tanto qui diz qui tem um mistério aqui dentro desse Cuniã. Você faiz projeto e projeto e vira e mexe e no fim não dá certo. É ela qui é dona. Falam qui era uma índia, né! (Versão do Informante, linhas 18 a 20)

Oia, nessas água aí, eu cansei di sair com meus colega, da minha idadi, nóis se ajuntava domingo, nós ia pulá lá do olho daquele pau n´água. Aquilo era um... ficava até nove hora, deiz hora. Hoje ninguém podi mais fazê isso. (Versão do Informante, linhas 43 a 46)

Os recortes da versão do informante exibidos acima sombreiam a ortodoxia da lenda da "cobra grande" para descrever a realidade política, sócio-cultural e econômica local e para fazer um alerta aos ouvintes e aos próprios moradores da reserva:

[...] purque vai acabá. Ah, us moradô vai acabá... Hoje nós tem uma destruição muitu grandi aqui dentro di pexi, é, mas é uma mina monstra, purque eu acho qui ela vai acabá, vai acabá... (Versão do Informante, linhas 30 a 31)

O vaticínio da "moça jovem" do lago do Cuniã permanece, pois, vivo no imaginário do informante e ecoa por todas as cercanias da reserva: não perturbemos a "grande cobra" porque se ela acordar vai defender o lago e "se um dia resolver ir embora, o lago secará e exterminará todas as fontes de riqueza." (cf. versão padrão).

O alerta está dado: ao menor sinal de desequilíbrio ecológico na superfície ou nas profundezas do lago, a "cobra grande" agirá implacavelmente. Contudo, se antigamente a predição da "grande cobra" era apenas verossímil, face ao furor desenfreado na luta pela sobrevivência travada entre o homem e o homem e entre o homem e os outros animais que vivem do lago, hoje ela é real e palpável.

Hoji nóis tem uma destruiçãum muitu grandi aqui dentru di pexi, é, mas é uma mina monstra, purque eu achu qui ela vai acabá, vai acabá purque nóis tem jacaré, nóis tem u biguá, qui é um pássaro, i tem, nãum tem, um qui conti eli... i tem u passarau, hoji. Tem us otru tipu di animau, i tem, fora u botu, a lontra i u homi. I fora us otru animauzinhu piquenu comu u socó, a garça, u manguari, u carará, a ariramba, tudu, a gaivota, tudu comi pexi. Issu ninguém si meti na conta. Essi é u... i aí vem u biguá, qui essi nãum tem ... quantia, essi nãum tem quem conte. Só nu computadô tauveiz chegui lá nu passarau...e pra controlá eli... dá milhõis i milhõis di animau. Aí dá u qui, uma faxa entri, cauculadamenti vinti tonelada pur

aumoçu i vinti na janta, quantas tonelada di pexi nãum sai duranti um dia. (Versão do informante, linhas 30 a 39)

Por conta disso, nos dias atuais o prenúncio da "moça jovem" adquire contornos quase que dramáticos e a "cobra grande" ganha visibilidade explícita:

[...] agora, hoji, aqui existi a lei, uma lei, tem u IBAMA, eli é qui é u donu daqui, né! É uma reserva, intãum hoji existi uma lei, intãum nóis cumpri aquela lei, comu da pesca, nóis temu tempu qui pesca, otru nãum. Pesca um pexi otru nãum, né, pra protegê, [...]. (Versão do informante, linhas 27 a 29)

A sutil linha divisória, que separa a realidade vigente na reserva (onde é travada uma luta acirrada pela sobrevivência), e o imaginário do homem cuniano, aponta, pois, para a necessidade do uso sustentável das riquezas do lago por parte de todos, principalmente do homem, o maior predador do lago do Cuniã. A possibilidade da "cobra grande" acordar e exterminar a vida que grassa generosa no ambiente lacustre da reserva é fruto do imaginário ribeirinho; o risco de um desequilíbrio ecológico iminente, porém, é uma possibilidade real.

[...] purque vai acabá. Ah, us moradô vai acabá... Hoji nóis tem uma destruiçãum muitu grandi aqui dentru di pexi, [...]. (Versão do Informante, linhas 30 a 31). [...] Aí dá u qui, uma faixa entri, cauculdamenti vinti tonelada pur aumoçu i vinti na janta, quantas tonelada di pexi nãum sai duranti um dia? (Versão do informante, linhas 38 e 39)

O IBAMA, a "cobra grande do poço preto" dos dias atuais, porém, está vigilante e pronto para agir, alerta o informante que também é funcionário desse órgão governamental.

[...] agora, hoji, aqui existi a lei, uma lei, tem u IBAMA, eli é qui é u donu daqui, né! É uma reserva, intãum hoji existi uma lei, intãum nóis cumpri aquela lei, comu da pesca, nóis temu tempu qui pesca, otru nãum. Pesca um pexi otru nãum, né, pra protegê, [...]. (Versão do informante, linhas 27 a 29)

V- CONCLUSÕES

a) A análise da versão do informante realizada por este trabalho apresenta as características de um veículo de manutenção e de divulgação da identidade étnica de seus indivíduos portadores e possibilita o estabelecimento da identidade de grupo nas diferentes situações de mudança política e social a que esse grupo se submete;

b) "Os mitos ou as lendas, ingredientes indispensáveis a toda cultura, são constantemente recriados para se adaptarem às mudanças históricas da sociedade, que apenas indiretamente refletem". (MALINOWKI, 1988, p. 152);

c) A narrativa do informante mostra, como disse o renomado mitologista Joseph Campbell (1997), "as transformações do mito através do tempo." [11]

VI- REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. Introduction. *In:* (ed.). **Ethnic groups and boundaries. The social organization of culture difference**. Illinois: Waveland Press,. 1998. pp. 9-38.

BRASIL - DECRETO N° 3.238, DE 10 DE NOVEMBRO DE 1999. Disponível em: <www.ibama.gov.br/resex/cunia/cunia.htm>. *Acesso em: 29 jul. 2010.*

CAMPBELL, J. "**As transformações do mito através do tempo"**. São Paulo: Cultrix, 1997.

FERREIRA NETTO, W. **Tradição Oral e construção de narrativas**. São Paulo: Paulistana, 2008.

[11] CAMPBELL, J. "**As transformações do mito através do tempo"**. São Paulo: Cultrix, 1997.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Guadabara Koogan, 1989.

GELLNER, E.. **Nações e nacionalismo**. Lisboa, Gradiva, 1993.

HOBSBAWM, E. J.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

HOBSBAWNM, E. J. **Nações e nacionalismo desde 1780***:* programa, mito e realidade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Mito, ciência e religião**. trad. Maria Georgina Segurado. Lisboa: Edições 70, 1988.

NAPRA - Disponível em: http://www.napra.org.br/?page_id=148. Acesso em: 12 jul. 2010.

OVERMUNDO - Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/festejo-de-sao-sebastiao>. Acesso em 12 jul. 2010.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. *Seguido de Grupos éticos e suas fronteiras de Fredrik Barth.* São Paulo, Fundação Editora de UNESP, 1998.
REIS, Raul. The impact of television viewing in the brazilian amazon. **Human Organization**, **57**(3), p. 300-6, 1998.

VIEIRA, M. F.; FERREIRA NETTO, W. **O saci da tradição local no contexto da mundialização e da diversidade cultural**. Trabalho apresentado no I Encontro Nacional de Linguagem e Identidade, na Unicamp. Campinas, 2008.

WEBER, M. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Pioneira, 1996.

Referência Bibliográfica deste Trabalho (ABNT: NBR-6023/2000):

VEGINI, Valdir; VEGINI, Rebecca Louize; LOPES, Valdir Ferreira. Subliminaridades étnicas em "a cobra grande do poço preto" do Lago Cuniã. **Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros**, Brasília-DF, Instituto Processus, ano 02, edição 05, jan./mar. 2011. Disponível na Internet: http://www.institutoprocessus.com.br/2011/revista-cientifica/edicao_5/8_edicao5.pdf .Acesso em: xx de xxxxxxxx de xxxx.